

FESTAS DO DIVINO NO MARANHÃO: UMA APROXIMAÇÃO DE CONJUNTO

*Jandir Gonçalves, Casa de Nhôzinho*⁴

*João Leal, CRIA (UNL)*⁵

As festas do Divino Espírito Santo (“Festas do Divino”) mais estudadas no Maranhão são as que têm lugar em Alcântara (Santos 1980, Lima 1988, Pimentel 2009) e em São Luís (Aires 2014, Carvalho, M. 2010a, 2010b, Eduardo 1948, Ferretti, S. 1995, 1999, 2005, 2009, Gouveia 1997, 2001, Leal 2012, 2014, Pavão 2003, Pimentel 2009, Silva 1997). Há também algumas referências – embora mais pontuais – sobre festas na Baixada Maranhense (Shapiro 2013; ver também Pimentel 2009). Estes estudos permitem identificar alguns traços comuns que as festas do Divino apresentam nesta área. Entre esses traços avultam antes do mais os relativos aos modos de representação do Divino: para além da bandeira do Divino (que se encontra em todo o Maranhão), sobressai a importância do mastro, do pombo (em madeira ou em gesso) e da coroa. A importância dos Impérios é um outro traço deste modelo de festas. Os Impérios são um conjunto de crianças e pré-adolescentes de ambos os sexos que ocupam os cargos rituais de mais destaque nas festas: imperador e imperatriz, mordomo e mordoma régio(a), mordomo e mordoma mor e mordomo ou mordoma celeste (ou mordomo ou mordoma de linha). Um terceiro aspecto comum diz respeito à importância das caixeiros nas festas: grupos de oito ou mais mulheres – dirigidas por uma caixeira régia – que, por intermédio de cantos acompanhados pelas caixas, são responsáveis pela direcção e acompanhamento musical das festas (Barbosa 2006, Carvalho, L. 2005, Gouveia 2001, Pacheco, Gouveia e Abreu 2005). Finalmente, o último ponto comum a estas festas reporta-se à sua sequência ritual, que envolve habitualmente: a abertura da tribuna; o buscamento e o levantamento do mastro; o dia da festa (com ida dos Impérios à missa e almoço); o derrubamento do mastro; o fechamento da tribuna e o repasse das posses. Para além da identificação destes traços comuns, a literatura etnográfica e antropológica disponível põe também em evidência a importância dos terreiros de Tambor de Mina na organização das festas do Divino em São Luís.

Mas as festas do Divino no Maranhão não se limitam somente a estas áreas mais estudadas. Distribuem-se por todo o estado, sem que sobre elas existam ainda estudos como os que estão disponíveis para Alcântara ou São Luís. Mesmo o Cadastro das festas do Divino do Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho – que é a base de dados mais completa sobre as festas do Divino no Maranhão – dá das festas uma imagem incompleta.⁶ Do total de 105 festas registadas fora da cidade de São Luís no Cadastro de 2015, 29 situam-se na ilha de São Luís, 27 na microrregião do Rosário, 18 na Baixada Maranhense, 10 na microrregião do Litoral Ocidental, 10 no Leste Maranhense, 07 na microrregião de Itapecuru, 01 na microrregião dos Lençóis, 02 no Centro e 01 no Leste do estado. Pese embora todo o seu valor, esta informação deixa de fora o Sudoeste e o Centro do Maranhão e a informação sobre o Leste é também pouco representativa.⁷

⁴ Pesquisador de cultura popular maranhense – SECMA; membro da Comissão Maranhense de Folclore.

⁵ Dr. em Antropologia; professor da Universidade Nova de Lisboa-PT. A pesquisa de João Leal em São Luís, entre 2011 e 2012 se beneficiou de financiamento da FCT através do projeto PTDC/CS-ANT/100037/2008, desenvolvido no âmbito do CRIA (FCSH-UNL). Em 2014, se beneficiou de uma bolsa de Professor/Pesquisador Visitante da FAPEMA.

⁶ Sobre o Cadastro ver Leal 2012.

⁷ Em relação a 2009, o Cadastro de 2015 regista um aumento de festas no Rosário (de 20 para 27), no Litoral Ocidental (de 6 para 10), em Itapecuru (de 1 para 7 festas) e no Leste (de 6 para 10). Em contrapartida é menor o número de festas registradas na cidade de São Luís (67 contra 79, em 2009; cf. Leal 2012). Se acrescentarmos às referências do cadastro, as referências recolhidas por um dos autores deste artigo (Jandir Gonçalves), assim como referências disponíveis na internet, o número total de festas referenciadas fora da cidade de São Luís deverá situar-se perto de 140. Este número deve estar, porém subavaliado. Somando este número com os números de festas relativas à cidade de São Luís (cf. Leal 2012, 2014), o número total de festas do Divino referenciadas no estado do Maranhão é seguramente superior a 200.

O objectivo deste artigo é justamente propor uma primeira aproximação de conjunto às festas do Divino no estado do Maranhão, com particular destaque para as áreas actualmente sub-representadas na literatura etnográfica e antropológica. Essa aproximação é uma aproximação provisória. Não se baseia num levantamento exaustivo, mas em auscultações pontuais que têm vindo a ser conduzidas por um dos autores do presente artigo (Jandir Gonçalves). E é também uma aproximação com objectivos limitados. Mais do que uma descrição completa dos diferentes modelos de festas, visa, sobretudo colocar em evidência a diversidade que algumas soluções rituais das festas do Divino apresentam em diferentes áreas do estado do Maranhão.

Em termos gerais, essa diversidade diz respeito a quatro aspectos principais dos festejos: a) formas de representação do Divino Espírito Santo; b) principais personagens das festas; c) modalidades de direcção e acompanhamento musical dos festejos; d) capacidade de alguns aspectos centrais do culto ao Divino influenciarem e interagirem com outras expressões da religião e da cultura locais.

Ainda São Luís

Como foi referido anteriormente, o modelo mais conhecido de festas do Divino no Maranhão é o que se encontra em Alcântara e São Luís. Este modelo – prevalecente no litoral do estado – estende-se para oeste até Tutóia e a leste vai pelo menos até Cururupu. Abrange, portanto, de leste para oeste, as microrregiões do Litoral Ocidental, da Aglomeração Urbana de São Luís, do Rosário, de Itapecuru Mirim e dos Lençóis.

Os traços mais recorrentes deste modelo de festejos foram atrás indicados. Mas muitas festas nesta área caracterizam-se por particularidades que vale a pena sublinhar.

Assim na microrregião de Rosário, não só há mais homens batendo caixa do que em São Luís, como os cantos são diferentes. Também nesta microrregião, é mais corrente a presença de adolescentes – e não apenas de crianças – nos Impérios. Ainda em Rosário, mas igualmente em Humberto de Campos, as caixeiras tocam para outros santos. Em Humberto de Campos tocam para Nossa Senhora do Rosário, em Santa Rosa dos Pretos (Itapicuru Mirim) para Nossa Senhora da Conceição e em Itamatatuí (Alcântara), para Santa Teresa. Nalguns casos, como em Barreirinhas, não há festas do Divino, mas mantém-se a importância das caixeiras, que tocam para Nossa Senhora do Rosário.

Há ainda casos de festas marcadas por uma composição ritual idiossincrática, como em Santa Rosa dos Pretos onde a festa – para além de ter dois mastros – compreende duas etapas. A primeira etapa decorre em Novembro e organiza-se em torno do levantamento dos mastros. A segunda etapa tem lugar no dia de Reis e organiza-se em torno do derrubamento dos mastros. Na primeira etapa a festa tem Impérios, tribuna e coroação, mas na segunda etapa não tem coroação. Outro caso revelador da diversidade que as festas podem apresentar nesta área é a festa do Divino que tem lugar no terreiro de Santo Onofre de Pai Edmilson (Igarau). Esta festa não só não tem mastro, como, em vez dos Impérios, tem uma corte imperial – presidida por uma entidade espiritual da Mina (Palha Velha) em cima do pai-de-santo – com cerca de 60 crianças e adolescentes, que representam diversas entidades espirituais. Provavelmente soluções idiossincráticas como estas estão mais difundidas, não apenas no litoral do estado, mas em outras regiões do Maranhão.

Festas da Baixada

Algumas das soluções rituais mais recorrentes no modelo de festas prevalecente no norte do Maranhão encontram-se na Baixada Maranhense. Mas aí – e nalguns casos também em certos municípios do Litoral Ocidental Maranhense – muitas festas apresentam particularidades que devem ser sublinhadas. A primeira diz respeito à representação do Divino, que se faz tendencialmente sob a forma de uma coroa em latão – “Santa Crôa” – geralmente colocada sobre um pedestal alto e coberta com tecido feito em tule ou em crochet no interior da qual é colocado o pombo (em gesso). Ao lado de festas com mastro – por vezes colocado no interior das casas

onde têm lugar os festejos – existem festas sem mastro. As festas podem realizar-se com ou sem Impérios e quando existem Impérios a coroação tem lugar no final da festa, mas não existe – como nas festas de São Luís e de Alcântara – nem repasse de posses nem distribuição final de lembranças.

O factor distintivo mais relevante do culto ao Divino nalguns municípios da Baixada Maranhense tem, entretanto que ver com o facto da direcção e acompanhamento musical das festas estarem a cargo de turmas de caixeiros que podem reunir até 30 ou 40 caixeiros, dirigidas por uma “chefe de turma”. Estas turmas têm designações próprias: por exemplo, Leão ou (Lião) do Norte (Penalva), Nova União (Penalva), Turma do Jacaré (Penalva), Turma de Teresa Caixeira (Viana) ou Turma de Maria Caixeira (Pindaré Mirim). Para além de serem contratadas para as festas do Divino, estas turmas são também contratadas para outras festas. O seu repertório do Divino integra cantos idênticos aos que podemos encontrar em São Luís, mas com um tom (ou ritmo) diferente, caracterizado pela recorrência do baixão (um tom que se encontra também no bumba-meu-boi e nas doutrinas de terreiros afro-religiosos desta área) e pela maior importância da improvisação. Devido ao facto de actuarem noutras festas, estas turmas de caixeiros possuem um repertório mais alargado, em que avulta o bambaê (Nascimento, Soares Júnior & Azevedo 2009, Ferretti, M. 2013).⁸ Este pode ser cantado tanto nas festas do Divino como noutras festas e é “um baile popular que acontece a partir de caixas com intuito de puro divertimento” (Nascimento, Soares Júnior & Azevedo 2009: 10). No bambaê, apenas duas caixeiros tocam e cantam ritmos diversos – incluindo valsa e forró – que todos dançam.

Entre as festas para que as turmas de caixeiros são contratadas contam-se festas de terreiro de Badé (designação dada à variante local da religião afro-brasileira). Se alguns terreiros – como em São Luís – fazem festas do Divino, outros recorrem às caixeiros para as festas de terreiro. Aí elas asseguram o rojão, que se configura como uma cantoria que se pode estender pela noite inteira, de características religiosas, mas também lúdicas e que constitui um dos segmentos rituais principais das festas dedicadas à entidade da casa. No decurso do rojão é geralmente tocado o carço, que é cantado e dançado por todas as caixeiros. Em alguns grupos o ponto alto do carço é o momento em que uma das caixeiros consegue pegar com a boca uma garrafa de cerveja colocada ao chão, enquanto dança com muitos requebros. Para além do rojão, as festas de terreiro compreendem ainda outros segmentos rituais – tambor de crioula, toque de tambor e festa dançante – que em muitos casos têm lugar simultaneamente ao rojão.

Também na Baixada, mas circunscrita aos municípios de Penalva, São Cristóvão e Viana, tem lugar a Corrida da Ascensão: uma “procissão” embarcada que junta diversos grupos e expressões da cultura e religiosidade locais: caixeiros e outro(a)s participantes nas festas do Divino, integrantes de grupos de bumba-meu-boi ou de tambor de crioula, filhas e filhos de santo de terreiros de Badé.

Sudoeste

No Sudoeste do estado, em particular na área correspondente às microrregiões de Imperatriz e Porto Franco – e que engloba nomeadamente os municípios de Imperatriz, Porto Franco, Estreito, Lajeado Novo, Carolina, Riachão e Balsas – as festas apresentam soluções com um certo grau de singularidade relativamente ao que se passa no norte do estado. Para além da bandeira, a forma de representação dominante do Divino é constituída pela coroa e pelo pombo, mas não existe de forma generalizada o mastro. Em muitas festas também não existem Impérios ou, quando existem – como em Imperatriz e em Porto Franco – parecem ser de introdução recente, provavelmente devido à popularidade do modelo de festas do Divino de

⁸ Na microrregião do Litoral Ocidental, o bambaê dá lugar – designadamente em Bequimão, Pinheiro, Santa Helena, Central do Maranhão ou Guimarães – ao forró de caixa ou lelê de caixa, com caixa e cabaça (ver Ferretti, M. 2011). Este pode ser tocado por homens e mulheres. As mulheres são normalmente caixeiros, mas, tal como o bambaê, o forró de caixa – embora possa animar as partes dançantes das festas do Divino – é independente delas.

Alcântara (e São Luís). Em Porto Franco surge também a designação de princesas para algumas das integrantes dos Impérios.

O principal factor distintivo das festas do Divino nesta área tem, entretanto que ver com o destaque que nelas têm os foliões. Esta designação aplica-se de uma forma genérica a todas as pessoas envolvidas na festa. Mas aplica-se, mais especificamente, às pessoas que são responsáveis pela direcção e acompanhamento musical dos festejos. São eles que transportam a bandeira do Divino e os instrumentos usados são a caixa e a sanfona. Os foliões tanto podem ser homens como mulheres (neste caso designadas por folioas) e podem cantar juntos ou separados. As mulheres, entretanto, geralmente não batem instrumentos. Nalguns casos podem ser também integrados outros instrumentos na folia como sax, piston, reco-reco, etc... Entre o repertório destes foliões – que estão designadamente encarregues dos peditórios para a festa – merece menção especial o salambisco, que corresponde ao carimbó de São Luís e que é tocado na parte mais dançante da festa.

Centro e Leste do estado

Algumas das características das festas do Divino que acabaram de ser postas em evidência encontram-se em muitos municípios do Centro e Leste do Estado. É o que se passa com a ausência do mastro ou dos Impérios.⁹ Mas é sobretudo o que se passa com a importância dos foliões nas festas. Estas folias obedecem, entretanto nessas duas regiões a dois modelos diferenciados. No Centro – em particular no Alto Mearim, especialmente nos municípios de Grajaú, Barra do Corda ou Presidente Dutra – predomina um modelo de folia similar ao Oeste. Mas no Leste – englobando designadamente os municípios do Brejo, Buriti, Duque Bacelar, Afonso Cunha, Aldeias Altas, Timon, Matões, Caxias, Buriti Bravo, São Francisco do Maranhão, Parnarama – o modelo de folia é já um outro, uma vez que os foliões – geralmente conhecidas pela designação de Divindade – são aí maioritariamente homens, que tocam caixa e rabeca (ou violão); as mulheres, quando participam, asseguram a segunda voz.¹⁰

A par destes motivos comuns às festas do Sudoeste, as festas nestas duas regiões apresentam um conjunto de particularidades. Um deles tem a ver com a representação do Divino, sob a forma de um pombo que é colocado num pequeno oratório, decorado com flores e com terços, estes últimos colocados à volta do pescoço do pombo. A designação de Divindade dada a este oratório é também muito difundida. Mas a diferença mais importante tem que ver com as funções rituais mais alargadas desempenhadas pelos foliões. Tal como em certos municípios do Sudoeste, também no Centro e Leste os foliões realizam peditórios pelos municípios pernoitando em rancherias (ou “arrancharias”) construídas especificamente para o efeito e onde têm lugar rituais de homenagem ao Divino: rezas, almoços, dança. É também conhecida a participação dos foliões nas chamadas visitas às covas e noutros rituais relacionados com a morte (por exemplo, enterros) (Gonçalves 1994, Gonçalves & Oliveira 1998). Na visita às covas os foliões – que recebem um pequeno pagamento para o efeito – saúdam os mortos e entoam para eles vários cantos, alguns deles improvisados. Geralmente as pessoas acompanham o ritual com velas acesas e quando este é colectivo – isto é, quando envolve vários parentes mortos de pessoas de uma mesma localidade – o cemitério enche-se de parentes, amigos e vizinhos.¹¹

Mas as visitas às covas – e a participação em enterros – são talvez a face mais visível de uma tendência mais geral prevalecente no Centro e Leste do Maranhão: a participação generalizada dos foliões (ou foliões da Divindade, ou Divindades) num conjunto de outras

⁹ Mas deve ser ressaltado que em Grajaú, tal como em Porto Franco (no Oeste), as festas têm Impérios e as princesas integram também a corte imperial.

¹⁰ Em Codó, entretanto, as festas do Divino são dirigidas por grupos de duas caixeiros e em Peritoró (e antes em Caxias) os foliões só usavam caixa e a sua música era diferente da predominante em outros municípios do Leste do estado.

¹¹ Note-se que nas visitas de cova também podem participar integrantes de grupos de bumba-meu-boi: tudo depende da devoção que o morto tinha em vida...

actividades de natureza religiosa: salvar cruzeiros, poços, roças, casas de farinha, rancherias, delegacias. Em certos casos, os foliões podem também surgir associadas a outras devoções. É o caso do culto das Almas Milagrosas de Taboca Redonda (São Francisco do Maranhão), organizado em torno da devoção a um casal de namorados que, por vingança do pai da moça – que se opunha ao seu namoro com um moço mais pobre – foi jogado num boqueirão e morreu.¹² Aí tem lugar anualmente uma grande romaria com ex-votos, rezas, cantorias e os foliões deslocam-se lá, recebem promessas para o Divino, ou promessas para as Almas Milagrosas por intermédio do Divino.

Ainda nesta área, é estabelecida uma relação entre o Divino e os Reizados Caretas. Diz-se que Santo Reis é primo irmão do Divino: “Santo Reis anda de noite, Divino anda de dia” (numa alusão ao facto de os peditórios dos dois rituais se realizarem ora de noite ora de dia).

Extremo Noroeste

Finalmente nos municípios localizados no extremo Noroeste do litoral do Maranhão, na microrregião de Gurupi, as coroas de gesso são a forma de representação dominante do Divino, mas nessa área é, sobretudo de destacar a ausência de grande parte do cerimonial que noutras regiões do Maranhão caracteriza as festas do Divino, incluindo a sua direcção e acompanhamento musical por grupos especializados de tocadores (ou tocadoras). As festas do Divino – por exemplo, no município de Carutapera – consistem aí, sobretudo em novenas asseguradas por diferentes grupos profissionais ou bairros, com reza e café com bolo.

Conclusões

Diversidade é, portanto a tendência dominante que as festas do Divino apresentam no Maranhão. Devido ao carácter provisório deste levantamento de diferentes expressões que as festas apresentam no Maranhão é difícil avançar com hipóteses explicativas sobre essa diversidade. Mas alguns pontos – em jeito de conclusão, também ela provisória – podem ser sublinhados.

O primeiro diz respeito às soluções rituais prevalecentes em muitos municípios do Sudoeste, Centro e Leste Maranhense, com particular destaque para a importância dos foliões e para as funções rituais por eles desempenhadas no âmbito das festas do Divino. A semelhança com soluções rituais prevalecentes em festas do Divino em muitos outros municípios rurais do Brasil – em particular em São Paulo e em Goiás – deve ser sublinhada. Será que esse facto indicia uma origem a sul deste modelo de festas, ligada a movimentos migratórios daí originários? Seja qual for a resposta a esta questão, aquilo que deve ser sublinhado é a autonomia relativa deste modelo de festa relativamente às soluções prevalecentes no norte do estado. É como se no Maranhão existissem não um, mas dois Divinos.

O segundo ponto diz respeito ao modo como, quando nos afastamos do norte do estado, se acentua uma tendência que aparece aí de forma mais difusa. Essa tendência prende-se com a capacidade de aspectos importantes do culto ao Divino se estenderem para outros rituais, festas e folguedos. Essa tendência é particularmente relevante no Centro e no Leste do estado, devido ao papel que as folias aí desempenham nas visitas às covas e noutros rituais. Mas reencontra-se também na Baixada, por intermédio do papel que as turmas de caixeiras desempenham noutras festas onde asseguram os rojões e o bambaê.

Finalmente, um terceiro aspecto que deve ser relevado é o modo como, à semelhança do que se passa em São Luís, essa capacidade de cruzamento do Divino com outras expressões religiosas abranger em muitos casos as religiões afro-brasileiras. Essa tendência é particularmente relevante na Baixada. Aí não só muitos terreiros promovem festas do Divino, como aqueles que não o fazem recorrem às caixeiras para os rojões, que são um dos segmentos rituais mais importantes das festas de terreiro. Nalguns terreiros – por exemplo, no de Dona Dilma (Santa Helena) – a bandeira do Divino é também usada para curar. Esta prática encontra-

¹² Sobre o culto às Almas Milagrosas no Maranhão ver Ferretti, S. 2004.

se também nalgumas povoações do Centro e do Leste, como Barra da Corda. Isto é: longe se ser uma solução circunscrita a São Luís, a articulação entre festas do Divino e religiões afro-brasileiras parece ser uma solução mais geral em todo o Maranhão.

Referências

- AIRES, Maria do Socorro, 2014, *Festa de Sant'Ana e Divino Espírito Santo no Terreiro Fé em Deus: as Relações do Pesquisador no Campo*, São Luís, UFMA (tese de mestrado).
- BARBOSA, Marise, 2006, *Umas Mulheres que Dão no Couro. As Caixeiras do Divino no Maranhão*, São Paulo, Empório de Produções e Comunicações.
- CARVALHO, Luciana (ed.), 2005, *Divino Toque do Maranhão*, Rio de Janeiro, Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/ IPHAN.
- CARVALHO, Maria Michol, 2010a, "O Divino Maranhense no Espaço Sagrado das Casas de Culto Afro I", *Boletim da Comissão Maranhense de Folclore* 46, 9-12.
- CARVALHO, Maria Michol, 2010b, "O Divino Maranhense no Espaço Sagrado das Casas de Culto Afro II", *Boletim da Comissão Maranhense de Folclore* 47, 9-12.
- EDUARDO, Otávio da Costa, 1948, *The Negro in Northern Brazil. A Study in Acculturation*, Seattle – Londres, University of Washington Press.
- FERRETTI, Mundicarmo, 2011 "Depois da Obrigação: Carimbó, Bambaê de Caixa e Cacuriá no Maranhão", *Boletim da Comissão Maranhense de Folclore* 51, 8-9.
- FERRETTI, Sérgio, 1995, *Repensando o Sincretismo. Estudo sobre a Casa das Minas*, São Paulo, EDUSP – FAPEMA.
- FERRETTI, Sérgio, 1999, "La Fête du Divin chez le Tambour de Mina", Comunicação apresentada à XXV Conferência da Société Internationale de Sociologie des Religions, <http://www.ufma.br/canais/gpmina/textos/10.htm> (acesso em 7/7/2007).
- FERRETTI, Sérgio, 2004, "Festa da Alma Milagrosa, Simbolismo de Um Ritual de Aflição", *Ciências Sociais e Religião* 6 (6), 135-151.
- FERRETTI, Sérgio, 2005, "Festa do Divino no Maranhão", Carvalho, L. (ed.), *Divino Toque do Maranhão*, Rio de Janeiro, Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/ IPHAN, 23-31.
- FERRETTI, Sérgio, 2009, *Querebentã de Zomadônu. Etnografia da Casa das Minas do Maranhão*, Rio de Janeiro, Pallas.
- GONÇALVES, Jandir, 1994, "Versos de Pé Quebrado. Os Foliões da Divindade e Rezadeiras na Cidade de Caxias", *Boletim da Comissão Maranhense de Folclore* 2, 2.
- GONÇALVES, Jandir e Lenir Oliveira, 1998, "Os Foliões da Divindade no Cemitério dos Caldeirões", *Boletim da Comissão Maranhense de Folclore* 12, 4-5.
- GOUVEIA, Cláudia, 1997, *'O Reinado de Vó Missã'. Estudo da Festa do Divino em um Terreiro de Mina*, São Luís, UFMA (monografia de licenciatura),
- GOUVEIA, Cláudia, 2001, *'As Esposas do Divino'. Poder e Prestígio na Festa do Divino Espírito Santo em Terreiros de Tambor de Mina de São Luís – Maranhão*, Recife, Universidade Federal de Pernambuco (dissertação de mestrado).
- LEAL, João, 2012, "Festas do Divino em São Luís. Um Retrato de Grupo". *Boletim da Comissão Maranhense de Folclore* 53, 3-7.
- LEAL, João, 2014, "A Festa Maior dos Terreiros: Divino e Mina em São Luís (Maranhão)", *Revista Pós Ciências Sociais* (UFMA) 21, 105-125.
- LIMA, Carlos, 1988 (1972), *Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara (Maranhão)*, Brasília, Ministério da Cultura-Grupo de Trabalho de Alcântara
- NASCIMENTO, Adriana, João Paulo Soares Júnior & Menzair de Azevedo, 2009, "Subsídios para a História de uma Baile Popular", *Boletim da Comissão Maranhense de Folclore* 45, 9-12.
- PACHECO, Gustavo, Cláudia Gouveia & Maria Clara Abreu, 2005, *Caixeiras do Divino Espírito Santo de São Luís do Maranhão*, Rio de Janeiro, Associação Cultura Caburé.

SILVA, Josimar, 1997, *Festa do Divino Espírito Santo do Goiabal: uma Abordagem Histórica*, São Luís, UFMA (monografia de licenciatura).

¹⁵ Neste caso tomamos o termo “migração religiosa” para o fenômeno de “mudança de religião”, do fluxo de adeptos de religiões afro-brasileiras para as igrejas pentecostais e vice-versa.